

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

CONTRA O FASCISMO!

Por um Governo de Democracia Popular!

O ano de 1936 vai ser um período de choques violentos, em todo o mundo, entre as forças fascistas que querem a guerra e o termo da crise, por uma maior exploração do proletariado e pequena-burguesia, e as massas populares exploradas e decididas à sua libertação. Por isso, os fascismos desencadeiam nova ofensiva. Em Portugal, já se iniciou o ataque. Com o decreto do funcionalismo, cavou-se mais fundo, ainda, a separação de classe entre as várias categorias de funcionários. Apresentou-se mais clara a verdadeira finalidade do fascismo (a exploração das classes trabalhadoras) sempre mascarada até aqui de «justiça moral». Com este decreto, substitui-se a essa «justiça moral», ao bom da «comunidade», para aí aprofundar em vistosos cartazes, o princípio da hierarquização, isto é, agrava-se a limites inconcebíveis a política de classe do grande capitalismo e da grande lavoura, e seus representantes na alta burocracia.

Não vamos fazer aqui um estudo da lei do funcionalismo. Era matéria para um livro.

Alguns factos, extraídos do Diário de G. verno e publicados no «Século» de 6 de Janeiro, satisfazem as conclusões que tiramos. Assim, enquanto um chefe do gabinete dum ministro passa de 2.007\$50 para 2.750\$00, enquanto um chefe de secção passa de 1.507\$50 para 1.800\$00, um engenheiro inspector de 2.842\$50 para 4.000\$00 e os 2.º oficiais passam de 739\$50 para 1.200\$00 e os 3.º de 628\$50 para 900\$00, enquanto aqui acontece isto, há funcionários que aumentam 3500 por mês e outros ainda diminuem de ordenado passando de 505\$00 para 500\$00. Por fim, Salazar passou a ganhar 10 contos por mês, os seus ministros 8, por que o que ganhavam anteriormente era pouco e a opinião pública há muito exigia «seu aumento», segundo declarações dum deputado na Assembleia Nacional.

Que pretendeu com esta reforma o governo? Evidentemente, que a criação no «pessoal de carteira» das suas reputações, de um sólido núcleo a seu favor. Ententando, o govern. o mais uma vez se enganou. Pensou, fiel aos seus princípios «hierárquicos», que o que conta são os altos funcionários, supôs que «se aumentos de 50 e 100 escudos ao pessoal médio (sujeitos à desconfiança e com subtração dos emolumentos) lhe vinha trazer um forte apoio. Enganou-se redondamente. O que conta são as MASSAS, não os senhores encolinhados das direções e chefias de gabinete, o que conta é o número crescente de explorados que os «serviços públicos» têm.

Se o governo tem ilusões consulte os seus conselheiros. Dirija-se à Polícia de Informações. Distraia-a um pouco da sua tarefa sinistra de torturar proletários. Informe-se por ela (já que a criou para isso) do «contentamento» em que vive o funcionalismo, mande saber as condições de vida do seu funcionalismo (desse que sobre cortes de 20 e 300 escudos no ordenado) e depois sorria aos seus princípios hierarquizadores. De nada lhe servem... Nem a crise nem as massas são hierarquizáveis com a facilidade que o governo julgou. Até os próprios cães amestrados que o governo exhibe em S. Bento, a um público escolhido, se negam às vezes, aos malabarismos dos domesticadores governamentais. Agora, mesmo, aquilo tem andado por lá na maior desordem. Deputados que se «demitem» (tal como os presos políticos que se «suicidam»), interperações «inconvenientes», propostas «subversivas», tudo isso justifica o pitoresco nome que puseram às dissidências que lavram em S. Bento: — A revolta dos Escravos!.

No interior da Assembleia Nacional dão-se manifestações do mal-estar que atravessa o país e que abala o fascismo nas suas próprias raízes. Ainda há pouco, demagogicamente, um deputado, Angel Cezar, propunha que, em face de haver «grandes quantidades de trigo em cômodo de deterioração... e de haver «em Portugal uma grande massa de população... que por carência absoluta de meios ou por desciência de salários... mal pode pensar em adquirir o pão de que precisa», esse resolveu com SACRIFICIOS DO ESTADO OU SEM ELLES, o problema de conseguir que alguns milhões de quilogramas de trigo sejam, não para o GOVERNO mas sim para os pobres e necessitados de Portugal! Em poucas palavras: distribuição dos trigos aos desempregados ainda que o homem admita a possibilidade de indemnização do Estado. O «aviso prévio» do demagogo deputado que não é grande lavrador, de certeza, perdeu-se... E' que não são as frases demagógicas dum Angel César que hão-de dar o pão aos desempregados. Não é o Estado fascista ou qualquer dos seus apaniguados quem há-de matar a fome dos desempregados.

Distribuição gratuita dos trigos pelos desempregados? Perfeitamente.

(Continua na 5.ª página)

PELA AMNISTIA

A TODAS AS VITIMAS DO FASCISMO, ENCARCERADAS E PERSEGUIDAS!

Em Angra continuam presos ilegalmente

17 anti-fascistas

UMA AMNISTIA BURLA!

Há pouco tempo chegaram, vindos da Angra, 40 anti-fascistas que ali se encontravam encarcerados. São, na sua maioria, operários vitimados da Marinha Grande, presos e condenados pela sua actuação durante o 18 de Janeiro.

A primeira vista parece tratar-se de um gesto «magnânimo» dos algarões do Estado-Novo. A verdade, porém, é algo diferente.

Em primeiro lugar, trata-se de uma amnistia condicional, pois todos os camaradas em questão ficam sob a alçada ignominiosa da Polícia. Semanalmente, são obrigados a apresentarem-se na sede da Polícia de Informações, os residentes em Lisboa, e nas Administrações dos Comandos respectivos, os domiciliados na província. Em segundo lugar, vê-se neste gesto do Estado-Novo mais uma manobra para a propaganda religiosa na Marinha Grande.

De facto, de algum tempo a esta parte, uns quantos apaniguados do «S.º Offício» têm andado pela Marinha Grande com companhias de «evangelização», enganando as famílias dos operários daquela localidade que se encontravam deportados na Angra. Faziam acreditar aquelas que os seus parentes se encontravam «otimamente instalados» na imunda Fortaleza da Angra. As organizam, des-anti-fascistas, e em especial o SVI, velavam, porém. E assim, dirigiram as famílias dos encarcerados os apelos que eles próprios faziam, o em que se descrevia a sua vida horrrosa naquela cárcere ignominiosa. Ao mesmo tempo popularizavam-se entre as massas laboriosas do país, o que se foi passando sob o império do sinistro capitão Paz, comandante do Depósito de Presos.

A nossa agitação, tanto no país como no estrangeiro, não deixou de produzir os seus efeitos. Os carrascos fascistas foram obrigados a soltar algumas das suas vítimas. Mas fizeram-no com a mira, no caso presente, de dar mais algum alento à propaganda religiosa na Marinha Grande.

E' um sucesso mais a registar no quadro de honra das nossas vitórias, ao lado da campanha M. Santos, António Sérgio (expatriado), os sucessos parciais da campanha Sousa, Bento e Fogaça e, finalmente, da campanha Pró deportados em Angra.

Mas das questões mais essenciais e que agora deve merecer os nossos melhores esforços, é a libertação dos camaradas que ainda se encontram em Angra, apesar de já terem cumprido as suas condenações e aos que ainda não foram condenados por falta de provas.

Estão nestas circunstâncias 17 anti-fascistas, alguns dos quais com penas cumpridas há 23 e 24 meses! Há presos sem culpa formada há 40 meses.

O «Avante!» do mês de Novembro publicou uma lista completa com os nomes e restantes indicações destes camaradas. Neste momento, há apenas que fazer pequenas correcções.

Sairam os seguintes presos: — J. António Machado, Bernardo Fernandes (anarquistas), Joaquim Rodrigues, Constantino Garradas e Alfredo Caldeira (comunistas). Este último, porém, continua preso em Lisboa. Aos presos preventivos (sem condenação) há a acrescentar o tenente Cardoso, preso sem culpa formada há 2 anos.

Ultimamente entrou na ilegalidade prisional o nosso camarada Américo Ferreira, isto é, passou a categoria de libertado-preso!

A luta pela imediata libertação deve estar no centro das nossas actividades, activando a luta geral pela amnistia!

Se não agirmos, se a nossa acção diminuir de intensidade, se em cada escola, fábrica ou outra qualquer empresa, não for largamente agitada a questão e se não mobilizarmos, finalmente, as mais vastas camadas populares na luta por estas questões, os nossos camaradas acabarão por ser assassinados. E isso seria um crime cuja responsabilidade nos caberia em parte, pela nossa passividade.

Avante, pois. Nenhum trabalhador deve ignorar estas infâmias! Nenhum anti-fascista deve deixar de formular o seu protesto junto das autoridades fascistas (ministérios, cárceres, Assembleia Nacional, etc.).

O «Avante!» conta todos os seus leitores a pôrem em acção todos os seus esforços neste sentido!

CORRESPONDENTES E COLABORADORES DE O "AVANTE!",

Não é só, como tratamos noutro lugar, no campo da difusão do «Avante», que temos de lutar para que ele seja um jornal de massas. Podemos dar a um jornal revolucionário, uma tiragem de 20 ou 30 mil exemplares, podemos organizar a sua difusão por todo o país, de uma maneira completa e, contudo, ele pode estar isolado das massas proletárias e anti-fascistas.

É que um jornal revolucionário, quando num período como este, pode ser lido, simplesmente, porque não há jornais outras correntes políticas adversárias da ditadura. Pode ser lido como um artigo desagradável ou ao menos indigesto com que nos acanhemos, enquanto não vemos outro melhor.

Ora é isto que não pode acontecer com «Avante». «AVANTE» TEM DE SER UM JORNAL DE MASSAS! Órgão dum Partido que visa a conquistar e dirigir as largas massas da população explorada de Portugal — por isso o mesmo TEM DE EXPRESSAR OS INTERESSES DE TODOS OS EXPLORADOS PORTUGUESES. Órgão de um Partido e não de uma seita, expressão mais alta da consciência de classe do proletariado português, ele tem de abordar quantos assuntos a isto digam respeito. Tem de procurar despertar a essa consciência quantos, por Portugal fora sofrem a falta dum consciência de classe nitidamente afirmada.

Por isso, para atingir a nossa finalidade, para alcançar de «Avante» que ele seja a expressão viva das lutas e aspirações de todos os trabalhadores, para obter que, fora de todo a abstracção, ele exprima concretamente o que é a vida do proletariado — são as necessidades dos respectivos elementos.

Temos de conhecer os factos e a par sobre eles e não sobre fantasias, podemos escrever.

Precisamos que sobre os mais variados assuntos, nos escrevam, nos indiquem e interroguem.

«Avante» órgão central do Partido tem de centralizar, efectivamente e não no seu «bolsão», toda a vida das massas portuguesas. Infelizmente, porém, os nossos camaradas escrevem-nos pouco, os nossos simpatizantes, quasi nada. E quando escrevem, preferem fazer longas considerações e desnecessárias ou pouco oportunas e sempre ocupadoras de muito espaço no pouco de que já dispomos. Evidentemente, não são as longas dissertações abstratas ou sentimentais que nos faltam. Qualquer dos que aqui escrevem habitualmente, as fazia sem grande custo, ainda que com inutilidade.

Precisamos de informações, sobretudo. Consequentemente, devemos os nossos camaradas e amigos enviar-nos regularmente indicações do que se passa nas fábricas, nos campos, em toda a parte em que veja uma luta que se trava, uma exploração que aumenta, uma perseguição que se acentua. Depois, devem evitar ser longos. Dar o máximo de indicações no mínimo de espaço e não ter a preocupação de não escrever bem. Nós retocaremos os escritos que o precisem. Nunca deixar de escrever por tal motivo.

Todas as nossas células e comités

deverão nas suas reuniões ocupar-se dos assuntos que devem vir no «Avante» e exigir um efectivo de trabalho, dos camaradas disso encarregados. Indvidualmente, deverão os nossos camaradas escrever-nos o que quiserem sobre os casos que os rodeiam e convidar todos os camaradas de outras ideologias a fazerem-nos perguntas sobre as dúvidas que tiverem ou informarem-nos dos casos que os interessam. «Avante», repetimos, não é um jornal dum seita, dum grupo isolado, é o órgão do Partido Comunista, o jornal de todos os trabalhadores portugueses.

Cuidado com eles!

Satu do Aljube, em liberdade, o ex-marineiro n.º 5317, Antonio Prates Ribeiro, que nos comunicou estar ao serviço da Polícia de Informações.

Coelho, ex jovem camarada, operador de equipamentos e arreios do Arsenal do Exército, em Santa Clara. Causador das prisões de vários camaradas. Mora para os lados da Grac. Foi expulso da Caixa Económica Operária e desagregador da Cooperativa do Arsenal do Exército.

Manuel Leal Junior, chefe dos correios de Marinha Grande.

«Joãoquim da Cerveja», proprietário da taberna sita na R. do Terreiro do Trigo n.º 15 e 20.

Por engano saiu sob este título, no n.º 12 de «Avante!», referente ao mês de Outubro, o nome de Antonio de Sousa em vez de Augusto Saura, do Porto.

JORNAIS DE PRISÃO

Recebemos o n.º 18 de «O Trabalho» órgão dos Comunistas em regime na Penitenciária. É um dos exemplos mais impressionantes do que pode a vontade de bolcheviques. Lastimamos, todavia, que este número de «O Trabalho» tenha sido só colaborado por dois camaradas. Chamamos a atenção da célula cominista da prisão para este caso.

Porém, isso não impede a enorme cominação e orgulho que sentimos ao ler estas palavras do nosso camarada Vladimir: «ESPERO QUE O MINISTRO DA JUSTIÇA SE CANSE EM MANTER-ME FECHADO NUMA CÉLULA, O QUE JÁ VAI EM 7 MESES. OU NÃO?»

Acabamos de receber o n.º 19 de «O Trabalho», número dedicado ao S.V.I.

Também nos acaba de ser enviado o n.º 3, de Novembro, de «Frente V.M. lhas», boletim teórico da organização prisional Comunista de An. O que os nossos camaradas não conseguem é asombroso.

Quer no seu aspecto gráfico, quer no seu conteúdo, revela a bem

O TRABALHO CLANDESTINO Nas terras pequenas

É frequentíssimo que os camaradas da provincia nos digam que as condições das suas terras são outras que a não é Lisboa, em suma, que é impossível o trabalho clandestino fora dos grandes centros inurbanos.

Evidentemente que o nosso trabalho não se realiza por receitas. Não se vai aplicar num local o que deu resultado noutro, em condições muitas diversas. Por isso mesmo, se sobermos transplantar para novas terras o que noutras já permitiu bons resultados, deveremos antes

ver quais as modificações que a vida local impõe aos processos de trabalho clandestino. Contudo há características gerais a atender no contexto revolucionário fora de Lisboa ou Porto.

A primeira é a facilidade de todos os comitês.

Merece impressão a muitos dos nossos camaradas este caso: «Todos se conhecem, já se sabe quem são os comitês, não se p. de fazer qualquer coisa sem se p. de fazer pressa, repetem esses camaradas, ainda inexperientes do trabalho revolucionário.

Lembrem-se, porém, que o primeiro erro é de se ao permitir pelas suas declarações ou pela sua actualização setúria que já não são considerados comunistas.

Em segundo lugar, de em considerar que o trabalho propriamente de propaganda verbal e recrutamento de novos elementos (nos locais de trabalho sempre que for possível) é que compete aos camaradas com mais possibilidades de serem conhecidos. Este trabalho faz-se numa clandestinidade bastante simples e é às camaradas que não puderam evitar ser conhecidos DEVEM LEVAR UMA VIDA TOTALMENTE LIVRE DE SUSPEITAS. Para trabalhos de agitação, afixação de manifestos e sua distribuição serão escolhidos camaradas ainda não conhecidos, sobretudo jovens e simpatizantes que evitarão tornar-se conhecidos como comunistas.

Em terceiro lugar, o conhecimento de todos numa terra pequena permite que sejam também conhecidos por nós os espiões, as autoridades, os elementos fascistas da região. Enquanto numa cidade grande, não sabemos se a primeira pessoa que encontramos é um espião, nas terras em que todos se conhecem é isso impossível. Se numa célula de rua e até mesmo de fábrica, é possível, numa cidade grande, introduzir-se um agente provocador o mesmo não acontece numa terra pequena, onde se tornariam suspeitas as relações do provocador com as autoridades, onde se pode ver o modo de vida que ele leva e se sabem os meios de que dispõe. Um provocador é aí impossível ou quasi, desde que os nossos camaradas saibam reconhecer as pessoas com quem lidam.

Outro caso que se põe, nas terras de pequena população é o do pânico que se nota nas nossas fileiras sempre que a prisão de qualquer camarada ou camaradas se dá. Então todos os outros debandam, num terror implacável.

Evidentemente temos de lutar por que isso deixe de acontecer. Co. no 7. Mostrando aos camaradas que ingressam no Partido as responsabilidades que tomam, fazendo-lhes ver que a sua segurança depende do cuidado com que aplicarem as regras do trabalho clandestino; organizando as células, sem que os membros de umas conheçam as outras; considerando uma provocação toda a infracção a este respeito; e mostrando, finalmente, que, assim, se isolam das outras a célula em que se dá uma prisão ou mais, independentemente da continuação que todo o bolchevique preso se deve esforçar por merecer.

POR UMA AMPLA Difusão do "avante!",

A nos-a imprensa representa, hoje, um peso importante na acção e propaganda revolucionária. Pode dizer-se que muitos sectores aonde a nossa organização ainda não sobre ch. gar, são por ela atingidos. Em muit. s. e muitos lados, a chegada de um novo número do «Avante» é a indicação mais segura de que a luta continua, o sinal mais certo de que o Partido é a única força política verdadeiramente organizada ante a ditadura salazarista.

Mais que a nossa recente actividade o «Avante» tem-nos obtido as simpatias de muitos a quem até então o trabalho do P. não alcançara. Mas, evidentemente, as nossas realizações estão longe das nossas possibilidades.

Consiguimos a publicação periódica do nosso jornal. Isso não nos liberta dos restantes encargos. Temos, também, de ocupar-nos do sério da sua difusão. Do aumento da sua tiragem. Há milhares e milhares de pessoas que não conseguem obter a leitura do «Avante», e dezenas de terras onde somos totalmente ignorados. Em Lisboa, mesmo, apesar da distribuição ter aqui certo carácter de massas, estamos muito afastados do que deve ser o nosso objectivo.

Urge pois alcançar estes dois resultados: AUMENTAR A TIRAGEM DO JORNAL A 15.000 EXEMPLARES, E CONSEGUIR QUE NÃO EXISTA UMA SO TERRA DO PAÍS ONDE NÃO CHEGUE UM EXEMPLAR DO «AVANTE». Para isso, é-nos necessária não só a actividade das nossas organizações regionais e locais, a quem o nosso esta tarefa, como a boa vontade de os nossos simpatizantes, sobretudo, de s. que, em Lisboa, têm a possibilidade de serem ótimos agentes da difusão do jornal nas suas terras respectivas.

O cuidado que os nossos camaradas põem na preparação revolucionária. Daqui felicitamos esses camaradas, desejando que da publicação regular do seu boletim, saia a preparação revolucionária de quantos sofrem nas prisões fascistas.

Também recebemos o «Boletim Inter-Prisional» dos camaradas encarcerados em Peniche, que revela a realidade que lhes merece a preparação política dos presos encarcerados no Forte de daquela vila

Na fábrica "A NAPOLITANA",

Nesta fábrica de massas alimentícias e moagem que é uma das mais rendosas desta companhia e que é fiscalizada por funcionários do Estado Corporativo de Salazar, cometem-se as maiores vilanias e explorações contra o pessoal e o consumidor.

Apesar da fiscalização, confeccionam-se aqui as maiores mórdoxias que podem prejudicar gravemente a saúde pública porque, todos os bocados de massa que cuem para o chão, chegando mesmo a andar por baixo dos pés do pessoal, são escolhidos e metidos em sacos, assim como os produtos devolvidos, e premiões um loteiro dizendo: «apara a alimentação de gado». Porém, são mandados depois para outras fábricas da mesma companhia e novamente aproveitados para serem vendidos ao público como artigos de boa qualidade; para isso, mantem a Moagem o «Diário de Notícias» para lhe fazer o réclame dos seus productos que apenas servem para envenenar o público.

Esta Companhia explora impietosamente o pessoal e ainda por cima o maltrata com palavras vexatórias, principalmente o mestre que é um canalha chamado Átôr Domingues, mais conhecido pelo «Gangão».

Obriga operários, docentes e velhos, que trabalham com máquinas, a carregarem sacos pesados às costas para as carroças, apesar de esses operários lhe pedirem que não os ponham naquele serviço que já não é para a sua idade. Com quinze ou vinte anos de casa já não podem dar o que davam quando eram novos.

Além destas infâmias, ainda há mais: a Companhia, grande inimiga da jornada das 8 horas de trabalho, arranja sempre a forma de burlar os operários e, aproveitando a pouca organização do pessoal, começou logo de início da sua fundação a pagar os salários a hora, mas duma maneira deshumana, pois só paga aos antigos 1\$82 e 1\$60, ganhando os mais modernos na casa apenas 1\$60.

Obrigam o pessoal a trabalhar catorze e dezasseis horas por dia. Quando o governo fascista de Salazar, apavorado pela crise, se lembrou que havia uma lei que regulava o horário do trabalho e que era indispensável evocá-la para que as massas proletárias tivessem ainda alguma lei que a crise ia ser delatada, a Companhia, sendo forçada a ter que cumprir o horário de trabalho não se importou com isso.

Os operários estão reduzidos a salários que variam entre 8\$00 e 14\$00, para os homens, 4\$50 e 3\$60, para as mulheres, e 3\$00 e 6\$00 para os jovens. Daí resulta que o pessoal vá, de vez em quando, ao escritório pedir ao gerente que lhe aumente o salário, dizendo que tem razão mas que o patrão também tem pois já lhe tem dito que não admitia homens casados ou com família porque, a princípio, se sujeitam a ganhar pouco, mas depois começam por pedir mais, dizendo que têm família para sustentar.

Isto é que é banditismo!

Então, será lógico que se prenda e se alitre para o deserto ou para a sepultura homens honestos pelo facto de não concordarem com tais coisas, e se deixem impune, gozando a larga, quem nega o direito de um

chefe de família trabalhar para sustentar os seus?

Este gerente, um autêntico palhaço, que chega a andar a espreitar o pessoal, como se andasse brincando as escondidas, só pelo prazer de perseguir, quando era simples empregado de escritório na fábrica do Beato, por ocasião de uma greve, chegou a instigar os operários e a animar o movimento, dizendo: «rapazes vocês não desanimem porque a vossa causa é justa». Mas, ainda há pouco tempo por serem encontrados uns manifestos em vários pontos da fábrica e algumas palavras de ordem do P. Comunista soube dizer que havia de acabar com os comunistas cá dentro da fábrica. Não acaba, nem nunca acabará porque os comunistas cá da fábrica, talvez acabem por o expulsar a ele da fábrica.

Avante pela organização de todo o pessoal da Indústria de Alimentação!

Viva o Partido Comunista!

TIRANDO A MASCARA

SILVES—O «senhor» Manuel Guerreiro, é um industrial da indústria Corticeira. Está considerado no grande mérito, é o «querido» dista». Quem o considera, não quer conhecer a sua maldade. É um explorador como os outros da mesma mástia.

Há tempos houve uma reunião de assembleia no Club desportista da terra, a que assistiram quasi todos os sócios. A maioria dos sócios é composta por operários corticeiros onde está metida uma minoria de burgueses como de costume, para nos terem sempre de baixo do seu mando. O «senhor» Guerreiro pediu a palavra, e como se tratava naquele momento de aumentar a cotização, começou por dizer que não havia direito de aumentar as cotas porque os operários não ganhavam para comer, viviam miseravelmente, etc. Isto caiu muito bem no coração dos sócios, sobretudo nos que trabalhavam. A assembleia aplaudiu dizendo: «muito bem» «muito bem».

Vejam, agora, o que este benemerito faz dentro da sua fábrica, para que os operários que o ouviam se desiludam desta espécie de benemeritos. Certo dia, um camarada lhe pediu-lhe o trabalho. Mandou-o trabalhar; veio o sábado e quiz-lhe pagar a 8\$50 por dia. O nosso camarada, não quiz receber, dizendo-lhe: «eu ganho a 9\$50; não é justo que o «senhor» me queira pagar a 8\$50». Resposta do «senhor» Guerreiro: «Pois se quiser trabalhar, é assim, de contrário não lho dou. Como o camarada não quisesse, pagou-lhe a 9\$50 e despediu-o. Assim se rouba o pão a quem tem fome, assim nos lançam para a miséria mandando nossos filhos, tuberculizando as nossas companheiras! A quem assim procede, podemos chamar assassinos!»

Eis o «benemerito». Ora camaradas nós conhecemos tudo isto, nós temos que alcançar o que nos pertence e nos roubam, temos de avançar para a frente, de punho cerrado e cabeça levantada gritando: «temos fome queremos trabalho!»

NAS FABRICAS "GRANDELA",

Factos narrados pelas nossas camaradas que ali trabalham mais uma vez nos mostram como a mulher proletária é a maior vítima do Capitalismo.

O salário é uma miséria e as empresas fazem lembrar as raças da África.

Quando uma operária falta um dia ao trabalho, seja por doença ou necessidade urgente, não só lhe é descontado esse dia como também 300 diários, durante aquela semana. Fazem-nas trabalhar horas a mais e não pagam. O mestre bate nas operárias. Ainda há pouco mais de um mês, o mestre bateu numa operária que tem apenas 14 anos de idade... O mestre multou-nos em 2\$50 e 3\$00, — diz-nos uma camarada, — sem ter razões para isso, e isto ganhando nós salários inferiores. Ainda somos descontadas a 1/3 de 1\$50 de uma pequena chapa com que nós trabalhamos, que nem vale 750 e de 1\$50, por um gancho que serve para limpar as máquinas com que trabalhamos. Quem não os pode comprar é multado. Há ferias de 2\$50, 3\$50, 4\$50, 5\$00. Vejam lá as camaradas, depois destes descontos e multas e ainda com o desconto do de emprego, com quanto ficamos no fim da semana! Com respeito a higiene, as retretes estão sempre tão porcas que nos vimos obrigadas a ir ao campo satisfazer as nossas necessidades, com repugnância de entrar nelas.

Todos estes factos, que não são novidade para nós, mostram quanto urgente é organizar-se todas as mulheres proletárias, para, em conjunto conosco, trabalharmos pela sua própria emancipação. Camaradas, organizai-vos, formai comités, uni-vos contra os vossos opressores.

Lutai por um aumento de salários! Exigi melhores condições de higiene!

INFAMES

ALBUFEIRA— Existe aqui no torrão um armazém de FUMEIRO que pertence a uma firma de Lisboa, Marques, Pinto & Ca. É gerente deste armazém um senhor Henrique Gomes Vieira, o qual não se lembrando dos tempos em que vivia como os simples que ele hoje escorroça, faz coisas dingas de repulsa.

Para aquele senhor não existem leis, nem horários de trabalho, nada.

As mulheres, suas assalariadas, trabalham 15 e mais horas por dia, sem ao menos saberem quanto ganham diariamente. Deprimem-se desta que o nóvel capitalista, que r' pagar o que lhe vier à mente, com a vantagem de o trabalho já estar feito, sem que as autoridades ponham cobro a este roubo infame.

Para as operárias viverem tem que o «senhor» Henrique assinar vales para irem buscar os meios de subsistência a uma mercearia cujo proprietário é o mesmo «senhor». Quere dizer, que rouba o que quiser no salário, obrigando as operárias a ir comprar ao seu estabelecimento, auferindo lucros anormais.

E não é só isto, camaradas. Está a fazer serviço naquele armazém, um irmão daquele «senhor», o qual se apelida «democrático da genoa». Este sugito, «senhor» Isidro Vieira, teve a ousadia de descontar certa importância a umas mulheres em virtude do milho de amêndoa ir mal escolhido! Pasmem camaradas! Além das necessidades fisiológicas, as mulheres se restringiram visto o «senhor» Isidro não as deixar ir à rua.

E são estes os homens que apregoam igualdades.

Cuidado com eles, camaradas. Façamos uma frente única e igualitária, contra a tirania do explorador.

Avante com o comunismo!

A exploração em acção

Existem no mercado da praça da Figueira diversos talhos que têm os empregados que mais se podem chamar escravos que outra coisa. Essas casas são: nº. 19, não é o patrão o explorador mas em seu lugar, existe um empregado que arma em carrasco dos seus colegas. Esse dito carrasco chama-se Carlos. Para agradar ao patrão é capaz de mandar mais carne toucinho, chorizo ou outra coisa qualquer, fazer que o treguês coma sem querer, ch'ga-do mesmo a fazer com que os seus colegas vão muitas vezes a pé para o patrão ficar satisfeito com o trabalho empregado que tem, fazendo e m que os colegas lhe tenham ódio.

Miteus, o proietário dos talhos números 11 e 12.

Mateus é um autêntico explorador tem os seus empregados a trabalhar ao sábado até às 9 e 10 horas e ao domingo até às 4. Aos outros dias o mínimo é às 5, 6 e 7 horas. Para ele não é nada. Diz que no tempo em que ele era menino, trabalhava o dobro. Julga que ainda está no tempo antigo. Agora lhe meter um requerimento para poder desmanchar os seus filhos, segundas-feiras, dia de descanso,

Como foi autuado há pouco tempo, por mandar fazer a segunda-feira o trabalho de terça, quer ver se a casta do pessoal, deixa de pagar multas. Nos modos não o dos piores patrões mas suga o suor dos seus empregados, tal como os outros.

Manuel Mendes, números 1 e 3, o que é um autêntico explorador, pois faz dos seus empregados burros, e quando não lhe andam ao jeito, cu estando mal disposto, chega a insultá-los por tudo não respeitando ninguém, pois não dá valor nenhum a os seus empregados. Paga mal, faz-los trabalhar fora do horário e quando os suor vem mais cedo que a hora de encerrar a porta só os deixa desmanchar depois da porta fechada, pra que os seus empregados trabalhem fora de horas. Tudo com a intenção de castigar mais ainda os seus empregados.

Pedrosa, números 95 e 97, anda de automóvel, fuma de charuto e gasta dinheiro em mulheres, enquanto o seu empregado anda com rastos descalços e lhe dá por só uma autêntica lavadeira.

A revolta dos Escravos...

(Extracto do discurso do Sr. Pacheco de Amorim, na sessão de 12 de Dezembro p.p., na Assembleia Nacional)

A lei de meios vem a esta Câmara para que a Nação, representada pela Assembleia Nacional, dê ao Governo autorização para cobrar as receitas e pagar as despesas do ano económico próximo futuro. Mas para dar essa autorização, não de olhos fechados e assinando de cruz, mas porque concorda na sua consciência com as receitas e as despesas. Sendo este o fim da lei de meios, a proposta em discussão parece-me, de facto, insuficiente, como passo a mostrar seguindo um processo inventado por Henrique Poincaré e por ele usado muitas vezes. Quando este ilustre geómetra queria pôr em evidência o alcance de um princípio matemático ou filosófico, imaginava um mundo especial regido por leis próprias.

Para o nosso fim não precisamos de um mundo, basta-nos muito menos.

Imaginemos um restaurante e um hóspede que chega, se senta, pede a lista e lê: «carne, peixe, doce, frutas, vinhos». Intrigado com o lacunismo da lista, o hóspede volta-se para o criado e pergunta-lhe:

— Olhe lá, a lista é só isto?

— Só isso..., responde o criado.

— Mas que carne é esta? É vaca?

— Carne de vaca? É o peixe?...

— E as frutas?...

— Isso é só com o cozinheiro, responde o criado, sêfite. Aqui os hóspedes só têm de se pronunciar sobre os princípios, que são os que estão na lista...

A organização das refeições é da competência do técnico da cozinha.

— Mas se o tal «técnico», dentro dos «princípios» que o estabelecimento fizer um almoço que eu não goste?

— Os hóspedes aqui não são obrigados a comer, só são obrigados a pagar, respondendo o criado fleumático.

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

— E' só também não é permitido, atalha o criado, porque seria restringir a liberdade do «técnico» e V. Ex.^a compreende que é dessa liberdade de acção que depende a honra da casa!...

— Mas pagar o quê?, replica o hóspede já irritado. Se a lista nem põe nada?

— E' que os preços estão já no domínio do «concreto» e aí a lista só o cozinheiro.

— Bom... deixa-me ver então de quanto posso dispor para a despesa do almoço.

Frutos do "paraíso", salazarista...

Apesar dos constantes hinos da apologia à «formidável» obra do Estado Novo, forçados pela pandilha mercenária salazarista, transcrevemos algumas notícias dos órgãos burgueses. «Século» e «Notícias», e, por isso mesmo, absolutamente insuspeitos que não obstam a uma feroz censura, mostram a situação verdadeiramente alijada em que se encontram as nossas trabalhadoras portuguesas.

MOIMENTA (SINAIAS) 2 — Esta região atrai essa grande falta de trabalho, o que força os desempregados a irem procurar colocação a grandes distâncias.

PERELHAL (BARCELOS) 2 — A crise de trabalho aumenta diariamente. Há numerosos rapazes, novos e sadios, entregues a mendicância, por não terem outro modo de se manterem.

TERENA 1 — Continua a crise na casa rural, onde reina a fome em muitos lares.

TOES (ARMAMAR) 5 — Esta região atravessa uma grave crise, o que nos atribui à falta de numerário e outros factores dos lavradores não receberem o dinheiro do trigo e dos vinhos. Consta que têm sido feitas transacções destes generos a PREÇOS IRRISÓRIOS.

POMARES (PINHEL) 7 — Tem-se feito sentir bastante a crise de trabalho, pelo que muitos lares pobres lutam com dificuldades.

BALZILHA 17 — É grande a crise de trabalho nesta freguesia. Os desempregados, em número bastante elevado, têm pedido ao regedor e à Junta de Freguesia, que intercedam junto do sr. governador civil, para a obtenção de trabalho. Até agora, porém, nada se tem conseguido.

Quanto custa a alegria fascista

Quando das festas da Cidade, o Partido fez vir a todos os trabalhadores quantos eles custavam, que as festas foram qu... a demagogia fascista pretendia abafar a consciência e o descontentamento populares. Num manifestó distribuído p. l. Fd da J.C. frisava-se, entre o contrário «oloroso entre o Cídale antigo, mandado construir num sítio de gozê burguês e o Cídale de miséria e de bairros de lata.

Acabam de ser publicadas nos jornais diários as contas referentes a essas festas.

Sabemos, camaráda, quanto deu de prejuízo a «Lisboa Antiga», de lugares criados a holofote? 546.005\$20 (quê meculosidade!) Onde gastaram eles 9 centavos!

Aquêl cortejo de D. João I e os danças de Cavalaria 2: 629.010\$76 As marchas populares 38.933\$42 (e no custo cara a alegria dos bairros populares!)

Depois de fazerem trocas e balanços de saldos positivos para aqui e negativos para acolá, chega-se à conclusão camarária de que houve um saldo negativo de: 856.283\$28.

Enquanto não dispense, assim, o dinheiro do povo, a Câmara rouba miseravelmente o salário dos seus trabalhadores!

CARREÇO — Começaram as sementeiras do trigo, embora tenha sido proibida, em parte, a cultura. Os lavradores, porém, dizem não poderem prescindir desse cereal em consequência de lhes FAZER FALTA A PALHA PARA ESTRUMES E ALIMENTAÇÃO DOS GADOS.

MORAIS (MACEDO DE CAVALEIROS) — Os lavradores andam desanimados por não lhes permitirem a venda livre do trigo, pois não têm de se tirar um centavo para acudir às suas despesas e pagarem as contribuições. OS CELEIROS MÃO LHO ACELTAM e se o recebem SO O PAGAM TARDE E A MAS HORAS. Dizem eles que SE PUDESSEM VENDER LIVREMENTE, embora por mais baixos preços, AINDA LUGRAVAM, pois, ir-se-iam remediando e livrando-se de contrair empréstimos que, à sucapa, os usurários teimam em fazer, a juros elevados, com manifesto desprezo pelo lei.

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Atravessa esta vila, presentemente, a maior crise dos últimos anos.

O ano passado, DURANTE 108 DIAS distribuíam-se cerca de 2500 raçãoes. ESTE ANO TERÃO DE DISTRIBUIR-SE MAIS.

CASTELO MELHOR, 17 — A crise de trabalho nesta freguesia é desoladora, pois que desde a apanha da azeitona não houve mais um dia de serviço.

MARGEM (GAVIÃO), 17 — Chamamos a atenção de quem do direito para a grave crise de trabalho que há nesta freguesia.

Os poucos que encontram trabalho ganham por dia 4\$00 e só trabalham 3 dias por semana.

FALAM OS NUMEROS

De vez em quando, a um aceno da baluta salazarista toda a imprensa dá a proclamar as maravilhas da acção governativa para debelar a crise do desemprego. E surgem os maiores louvores nos res ectivo comissariado. Por eles, se julgaria que a situação do proletariado português é maravilhosa, ainda que este não se dê conta de como a sua vida pode ter sido melhorada se cada vez se sente pior.

Todavia esta propaganda mentirosa toca, às vezes, certos meios indecisos e mal informados da pequena-burguesia que, embora olhando o fascismo o querem tomar um pouco melhor de que lho nos mostram,

Vejamos os resultados da política económica salazarista, em dois anos.

Em Junho de 1933 (di-lo o Boletim mensal do Instituto de Estatística n.º 12-1933) havia 21.420 desempregados inscritos; em Novembro do mesmo ano (narra o mesmo Boletim) havia já 23.392.

Mas foi depois disso que o salazarismo se aplicou a fundo. Corporativizou-se a nação. Encheu-se de Casas do Povo, Grémios, Sindicatos Nacionais, de tudo enfim.

Resultado: O Boletim do Co-

A burla das Casas-Económicas

Quando o salazarismo faz a preparação moral do saque aos sindicatos operários, em cartazes espalhados por esse Portugal fora, prometeram-se ao proletariado todas as maravilhas da assistência social do Estado corporativo.

Eram pensos na velhice e na invalidez, liquidação do desemprego, socorro na doença e... casas económicas. O proletariado, em, então, começou a viver. Casas boas que pelo milagre cooperativo passariam a ser suas, trabalho certo, assistência social, um tribunal corporativo que fiscalizaria «dentro da justiça» as relações entre operários e patrões — tudo isto devia, em pouco tempo, tornar felizes os proletários de Portugal. Os anos passaram e o corporativismo não dava a felicidade a quem a prometera. A tese comunista de que o Estado corporativo, o aniquilamento dos sindicatos independentes, há trazer uma nova armadilha de exploração patronal e agravamento das condições de vida — confirmou-se.

Efectivamente, algumas casas, pretensamente económicas, foram distribuídas pelos Sindicatos Nacionais. A necessidade da propaganda das vantagens dos S.N. por um lado e as casas de que dispunham (e destruídas antes da ditadura e as agora acabadas) mais uns casibueiros miseráveis agora construídos — fizeram que se começasse a distribuir.

Dir-se-á: «Apesar de pouco, alguns proletários disfrutaram essas novas casas»...

Não respondemos. Leia-se apenas o seguinte aviso:

«Aos moradores dos bairros das casas económicas.

Aviso

Para conhecimento dos interessados faz-se sciente das sanções legais, segundo o Art.º 37.º e seus §§ 2.º e 3.º do decreto n.º 23.059, a que ficam sujeitos todos os moradores adquirentes dos Bairros das Casas Económicas que não efectuarem o pagamento das suas prestações mensais até ao dia 8 de cada mês.

a) participação de facto ao respectivo Presidente do Sindicato ou Director de Serviço Público, concedendo 3 dias mais para o seu pagamento;

b) se o pagamento da renda não for efectuado dentro deste último prazo os ocupantes serão imediatamente desalojados das respectivas moradias pela polícia de segurança pública ou pelas autoridades administrativas;

c) rescisão do contrato e perda das prestações já pagas.

Repartição das Casas Económicas em 14 de Dezembro de 1935.

O Director de Serviços
Higino de Matos Queirós, eng.º

missuriado do Desemprego, referente aos meses de Abril a Junho de 1935, apresenta como existindo nessa data, em Portugal 42.810 desempregados, precisamente o dobro do existente em Junho de 1933.

Apresentam-se, por vezes, longas listas de trabalhos destinados aos desempregados. Isso como o mostram os números oficiais nada prova. São os trabalhos que sempre se fizeram. A diferença, hoje, é mostrarem-se juntos, na grande imprensa.

Atenta à Biblioteca do Partido

De um grupo de simpatizantes foram recebidas algumas obras revolucionárias, para a Biblioteca do Partido.

Entre elas figura «O Capital», obra completa, editado por Aguilar Espanha.

O Partido agradece.

A Voz de STALINE sobre LÊNINE

«Lenine não» con siderou jámas a República dos Soviéticos como um fim, mas sim como um instrumento necessário para a intensificação do movimento revolucionário nos países do Ocidente como o Ori ente, como uma fase necessária para facilitar a vitória dos trabalhadores do mundo inteiro sobre o Capital. Era essa a única doutrina justa, não sómente sob o ponto de vista internacional, mas também o da relação à própria Repúli ca dos Soviéticos. Era o melhor meio de entusiasmar os trabalhadores do mundo inteiro pela luta da libertação definitiva. Foi por isso que Lenine, o mais genial de todos os chefes do proletariado, em sua guida à declaração da ditadura do proletariado, lançou os fundamentos da Internacional dos trabalhadores, a Internacional Comunista.

Durante estes dias de luta, os visto desfilarem dezenas e centenas de milhares de trabalhadores em peregrinação ao túmulo de Lenine. Ver-se-á que em breve os representantes de milhões de operários desfilarão igualmente perante esse túmulo.

Podeis estar certos que esses representantes serão seguidos por muitos outros, vindos de todos os pontos do mundo, para atestar que Lenine foi o chefe, não apenas do proletariado russo, não apenas do operariado da Europa, mas ainda do mundo colonizado e de todo o mundo trabalhador do globo terrestre.

Ao deixar-nos, Lenine recomendou-nos que nos mantivessemos fiéis aos princípios da Internacional Comunista. Nós te juramos, Lenine que não pouparemos a nossa vida para consolidar e ampliar a união dos trabalhadores do mundo inteiro — a Internacional Comunista. (Do manifesto do Comité Executivo do PC bolchevique, ao anunciar a morte de Lenine.)

A edição de livros na URSS

As edições literárias da URSS (Goslitizdat) acabam de tornar público o seu programa de actividade para 1936.

Os informes dados aos jornalistas por Nakoriakov, director desta editorial, são mais importantes do mundo, não deixarão de impressionar mesmo aqueles que sabem a que ponto o público soviético é ávido de leitura.

Para comemorar o centenário da morte do grande poeta clássico russo Púshkin, será publicada uma nova edição das suas obras, atingindo a tiragem global a cifra de 5 milhões de exemplares.

Serão igualmente publicadas novas edições das obras completas de Gógol e Máximo Gorki.

Só de autores clássicos serão editados em 1936 — 38 milhões de volumes.

De autores contemporâneos a Goslitizdat prepara 560 novos livros de autores soviéticos e estrangeiros, atingindo a tiragem global de 9 milhões de exemplares. Consagradas à dramaturgia aparecerão 33 novas obras. Serão publicados 8 livros de R. Rolland, 2 de A. Gide, 1 de Malraux, o «Staline» de Barbusse, etc.

Contra a guerra e o fascismo!

3 Combatentes da Paz, 3 chefes da liberdade dos povos

Já vai distante o dia, em que uma multidão grandiosa de trabalhadores, d sfilava em silêncio pelas ruas de Moscovo, acompanhando ao túmulo o chefe genial que os tinha conduzido à senda da vitória. Dia de um frio intensíssimo — uns cinquenta e tantos graus abaixo de zero — que, apesar disso, não conseguiu extinguir o desejo veemente dessas massas, de prestarem as últimas homenagens àquele que consagrou a vida inteira a ensinar-lhes o caminho da vitória — a estrada gloriosa para o derrubamento do poder autocrático e secular do tzarismo.

Mas o mês de Janeiro não marca sómente a data em que a figura viva de Lenine se ia apagar. Ele é, igualmente, por uma fantasia da história, o mesmo mês em que celebramos o desaparecimento de outros dois chefes do proletariado alemão e dos trabalhadores de todo o mundo — Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo assassinados traiçoeiramente pelo Lando social-democrata que então governava na Alemanha.

No fogo da guerra imperialista, de 1914-18, no combate acéso que então se travava na Alemanha entre os partidários da Paz e da Liberdade, capitaneados por Liebknecht, e os sociais-democratas que alimentavam a guerra e assassinavam os operários pacifistas e revolucionários, forjaram-se os primeiros quadros revolucionários, que depois souberam criar o Partido Comunista alemão, tendo à cabeça o mais heroico de todos os seus chefes — Thaelmann.

Neste momento agudo da história do Capitalismo, em que a aventura, o bandoleirismo e a sem-vergonha estão na base da sua moribunda existência, cumpre-nos ter bem presente as palavras e as atitudes destes três chefes do proletariado, para bem nos embrenharmos nas suas directivas de luta contra os fazedores da guerra, de luta contra os escravizadores das populações minoritárias e oprimidas de todo o mundo.

Doze anos são passados depois que o coração de Lenine deixou de pulsar. Doze anos de luta ardente, em que os seus ensinamentos teem sido submetidos à prova mais dura e por isso mesmo mais brilhante da luta contra o imperialismo, a guerra e os seus ulisses e mais encarniçados abatecimentos — os fascistas de todos os países.

As bandeiras esteladas da URSS e da Internacional Comunista, foram desfiladas e correm já hoje o pensamento e os desejos mais sinceros de milhões de trabalhadores de todas as rapas e de todos os continentes.

Ante a realidade bárbara da guerra fascista de Mussolini, ante a crueldade sem exemplo do fascismo internacional, surge, brilhante, acolhedora e a espargir esperança, a bandeira gloriosa da Internacional Comunista.

Lenine morreu. O leninismo, porém, vive em cada um de nós. A sua herança, guardada fielmente pela III Internacional, tendo à sua frente o nosso camarada Staline, é a mais segura garantia de que a vitória nos pertence, de que a História já decidiu a contenda a favor dos operários e das populações laboriosas de todos os países.

Ao celebrarmos o «mês dos três chefes» reafirmamos o desejo inabalável de prosseguir, cada vez com mais ardor a luta revolucionária contra os inimigos de class, e contra todos os oportunistas que tanto se esforçam por adulterar o significado do marxismo para assim servirem os baixos interesses dos seus patrões — os capitalistas de todo o mundo.

O fascismo, o mais fidalgo e reaccionário de todos os inimigos das populações laboriosas, a guerra, o producto consequente da política patrioteira e de rapina dos mussolines de todos os países, ha-de encontrar pela frente a barreira invencível dos defensores da Paz, do Pá e da Liberdade, a frente da qual se encontra sempre as Secções bolcheviques da Internacional Comunista.

O caminho que nos foi indicado por Dimitroff, o caminho da unidade de acção das massas operárias e populares contra a guerra e o fascismo é a única via que conduzirá à vitória as populações laboriosas e oprimidas pela negra reacção fascista.

Ao comemorarmos mais um aniversário do desaparecimento do nosso grande chefe Lenine, nós afirmamos-nos decididos a perseverar nos nossos esforços para a realização de uma potente frente anti-fascista que se repare o esgot da História com este regime escravagista e inquisitorial que tem à sua frente o jesuíta Oliveira Salazar.

O Fascismo nas escolas

Todas as tentativas salazaristas teem sido infructuosas nas Universidades. O cerceamento da liberdade das associações académicas não evitou que os estudantes continuassem a ver no fascismo o seu inimigo natural. A criação da A. E. V., mais antipática à rraça, nas escolas, acção governativa.

Depois de alguns choques com estudantes antifascistas e perante o malogro das suas promessas, a

AEV passou a uma espécie de centro de espionagem, mixto de sociedade de recreio. Entretanto a reacção fascista continuava e sob a máscara de «ausência de política das e col» foi procurar a luta nas eleições dos representantes dos estudantes à Universidade. Pelos dados que conseguimos reunir, verifica-se que em nenhuma e col de Lisboa os fascistas conseguiram atravessar a forte barreira

A Preparação da Guerra e a Miséria

(Do «Século» de 10 de Janeiro)
«BERLIM 9» — Em Dezembro último, havia, na Alemanha, 2.506.806 desempregados. Registou-se, no s, um aumento de 522.355 em relação ao ano anterior.

A INDÚSTRIA METALÚRGICA conta MENOS 73.000 desempregados.

Deste telegrama tiram-se várias conclusões que confirmam a análise leninista do fascismo. Em primeiro lugar: o fascismo não vence o desemprego, não domina a crise. Apesar da diminuição de salários, da expulsão das mulheres das fábricas, do trabalho forçado de jovens, do serviço militar obrigatório e da falsificação das estatísticas, o fascismo é obrigado a confessar o aumento dos desempregados; em segundo lugar, quando aparece uma indústria isolada que se mantém sem diminuição de desempregados ou até mesmo diminuição, essa é uma indústria que tende à preparação da guerra, à organização da agressão criminosa à URSS: a indústria metalúrgica.

Porém, o fascismo hitleriano não levará a cabo o seu intento monstruoso. Os amigos da URSS, todos os trabalhadores do mundo inteiro, lutarão em sua defesa o lado do glorioso Exército Vermelho, da sua pátria socialista e das massas exploradas alemãs chefiadas pelo herói co partido de Thaelmann!

Por um Governo de Democracia Popular!

Continuado da 1.ª pagina

to. E essa a palavra do nosso Partido. Mas são as massas exploradas e famintas que a hão-de realizar porque, sem isso, morrerão de fome mesmo que os Angeles Céus tees todos, cumpmam o que só podiam prometer em palavras.

Contudo a ofensiva salazarista não fica por aqui. Há poucas semanas, mesmo, que um novo ataque à miséria do proletariado e classes pobres da população se desenvolveu. Ainda que enocbentamente, por ele se veio criar para o fascismo uma derivação da crise à custa dos trabalhadores. É o caso das Contribuições Prediais. Salazar aumentou o valor dos prédios para efeitos de contribuição e diminuiu a respectiva taxa. Logo à primeira vista, beneficiou os grandes proprietários que recebem rendas de gran de valor; baixou a taxa, o valor do prédio não aumentou. Dos outros, segundo diz o mago das finanças, receberão o mesmo (de Vizeu dizem que o aumento foi de 400%, enquanto a taxa diminuiu 50%, portanto 200% de aumento). Se isto só fosse assim, estava tudo na mesma.

Beneficiou para os grandes, o estado anterior para os médios... Salazar quis ser magnânimo e lembrou-se dos pequenos, dos que são a grande maioria, dos que habitam

Continuado na 6.ª pagina

oposta por todos os estudantes que veem no fascismo a causa do agravamento das más condições de vida futura.



O "DEFESO,"

— SETUBAL —

O «defeso» aproxima-se. Com ele a angústia dos trabalhadores conservadores ante a perspectiva de alguns meses de fome obrigatória. O «defeso», sabeis que é um período de quatro meses que o fascismo criou para os operários das conservas, pescadores e toda uma imensidão dos que trabalham em volta desta indústria, passaram a uma negra miséria e para a total saída dos stocks existentes nos armazéns das grandes indústrias, que têm necessidade de fazer sair o fabrico de 8 meses de intenso labor e duma exploração, cada vez maior, sobre os milhares de operários, jovens e adultos de ambos os sexos, seres que durante o período do trabalho já vivem miseravelmente e que são forçados a passar em mais cruento miséria nos restantes meses do ano.

Para legalizar e intermitente esta forma Salazar, Teófilo, Ramires (este último proprietário das fábricas de conservas nos principais centros piscatórios do país) criaram os sindicatos fascistas que vomitam demagogia por todos os poros, prometendo e nada fazendo.

Aqui existe o sindicato nacional dos operários conservadores de Portugal, dirigido pelos delegados do governo e por alguns conservadores que se venderam ao fascismo infame e vergonhosamente.

E' preciso ver claro a situação presente e encara-la bem. O Sindicato fascista, criado pelo governo que fechou os sindicatos revolucionários, só pode servir o capitalismo a grande indústria, castrar o revolucionarismo das massas e abusar a polícia os militantes que defendem os interesses da classe operária. Não tenhamos ilusões sobre isso...

Le tem um jornal «O Conservador», que vai mostrando a sua falsa inquietude quanto à solução que o governo de Salazar dará ao «defeso» este ano.

No n.º 6, no artigo de fundo, diz que desde que se criou o C.P.C.P. e com ele o sistema do defeso da fabricação de sardinha durante os principais meses do seu desovamento, raro tem sido o ano que não têm surgido precalços, dissabores e canceiras infrutíferas, etc.

Ora, camaradas, que canceiras, dissabores e percalços têm surgido?

Todos o sabemos bem. Em 1933 o «consórcio» dava semanalmente um subsídio de 10\$00 às operárias, 10\$00 aos trabalhadores e 30\$00 aos soldados, mas faltavam com ele de vez em quando. Em 1934 não dava nada e o operariado conservador vai reclamando FÃO OU TRABALHO em frente ao consórcio, o qual chama a PSP que atira sobre os milhares de reclamantes, assassinando um e ferindo vários grave mente.

No «defeso», em 1935, fizeram correr e m insistência o boato de que nada daria, porém, em face do mau ambiente por parte dos operários e do pequeno comércio foram forçados a dar três dias de trabalho em cada semana.

Entretanto o sindicato fascista vai ligando, pretende captar a sua patra da massa operária e servir-se, usa alguma das suas reivindicações mais senilistas, pretende impor-se quixotesco e em defensor dos interesses dos que ele

está ajudando a explorar!

Camaradas, o sindicato fascista faz o jogo do «Estado Novo», é preciso desmascarar os artifícios que se armam em defensores das nossas reivindicações, quando eles são apenas os pupilos dos patrões.

Nós, durante o defeso, queremos: FÃO OU TRABALHO, ou não nos cortam nenhum dia de trabalho ou nos dão 75% do nosso salário normal.

Para conseguirmos esta humana aspiração temos um caminho a seguir:

Organizar-nos em comités de fábrica, lutando pelas nossas reivindicações.

Desde que somos forçados a estar no sindicato fascista—senão cortam-nos o dia de cada dia—organizemo-nos dentro dele, uma forte oposição que lute pelas nossas reivindicações durante o defeso e assim desmascaremos o ambiente fascista e a sua demagogia, esclarecendo a massa que ainda acredita na obra da ditadura fascista.

Organizemo-nos em Comités de luta nas fábricas e locais de trabalho!

Lutemos para que não cortem nenhum dia de trabalho ou, se assim suceder, dos forneçamos um subsídio de 75% dos nossos salários normais!

CONTRA O FASCISMO!

Continuação da 5.ª página

Casas alugadas e os que, por Portugal fora, habitam as chagas que o seu trabalho, permitiu construir. Desse também se lembrou o salazarismo, impondo aos que habitam casas alugadas, o pagamento da diferença entre a contribuição que o senhorio paga e aquela que pagaria se não se atribuisse a casa um valor superior ao que ela tem; os que habitam a sua própria e sita, os camponeses que viv. m nas suas casas toscas e miseráveis, esses terão de pagar o aumento da contribuição que chega em terras como Viséu (segundo a reclamação descrita no Século) a 400%!

Enquanto assim explora os que nada têm, enquanto deixa na mão negra miséria dez nas de milhares de pescadores e conservadores e suas famílias; o orçamento ordinário de 1936-1937 aumenta deste ano de agravamento da crise, em cerca de 200.000 contos! Enquanto isto é assim, despesas extraordinárias do orçamento em 600.000 contos que irão aumentar a dívida pública. Enquanto o trigo apodrece nos celeiros, os pequenos produtores não recebem o produto do seu esforço e os trabalhadores rurais são bandos de desempregados que morrem de fome ou trabalham 12 e 14 ho-

ras por 3 e 4\$00. Salazar vai gastar 500 e tal mil contos num plano de organização do exercito e marinha que não é senão a preparação para a grande guerra mundial que tanto pode ser o choque dos imperialismos ingles e italianos como a invasão da URSS que está sendo activamente preparada pelos canchais fascistas da Alemanha e do Japão sob as vistas da Inglaterra, que em tudo, tem auxiliado o formidable armamento da Alemanha.

E' para essa guerra que Salazar faz a sua «organização» do exercito, e para ela que ele arranca aos trabalhadores portugueses o pouco que a burguesia se viria forçada a deixar-lhes. E' para um crime tão monstruoso como a nova guerra, que Salazar desenvolveu ao máximo a miséria do povo, que ele já não se atreve a negar. Por isso mesmo, macaqueando Hitler, acaba de criar o «Socorro de Inverno»! Para beneficiar os desempregados? Nada disso. O Socorro de Inverno é mais uma forma de penetração do fascismo nas massas. Dirigido por um representante do governo, outro dos padres e um da União Nacional, vem sistematizar as várias «ações» e obras de assistência já existentes; procura sobretudo a influência política e religiosa e as distribuições de comida que já se faziam. Perante estas novas violências fascistas o Partido Comunista pôde ante os seus filiados e simpatizantes, ante toda a massa de explorados as seguintes palavras de ordem:

CONTRA O PRAZO DE INSERÇÃO!

EXIGI A QUANTIDADE DE COMIDA NECESSÁRIA PARA A VOSSA TOTAL ALIMENTAÇÃO!

PROTESTAI CONTRA A QUALIDADE DA COMIDA QUE VÓS QUEIRAM IMPINGIR!

ABANDONAI AS PÉSSIMAS HABITAÇÕES EM QUE VIVEIS, IDE PARA CASAS COM CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE E FORÇAIS A PAGAR-VOS AS RENDAS!

NUNCA PROTESTEIS ISOLADAMENTE MAS EM GRUPOS! EXIGI ROUPAS E CALÇADO PARA VÓS E VOSSOS FILHOS!

Exigi o subsídio do desemprego para que o governo está roubando o 2.º.

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS:

Contra os descontos nos ordenados!

Representações cheias de assinatura ao governo e Assembleia Nacional protestando contra as diminuições de ordenados!

Por uma representação de todos os funcionários a Salazar!

Subscrição permanente para o «AVANTE!»

Transponte..... 85\$00

Dos presos na Fortaleza de Peniche:

Resto do mês de

Dezembro..... 5\$50

Do mês de Janeiro..... 8\$00

Filipe..... 2\$50

De um livro..... 3\$00

Excesso da venda de 2 «Avante!» do n.º 14, vendidos em Setúbal..... 9\$00

A Transportar..... 470\$00

Mais uma ilegalidade do Estado Novo!

Sousa, Bento, Fogaça e Seixo deportados sem condenação!

OS JUIZES PREPARAM-SE PARA OS CONDENAR LONGE DAS NOSSAS VISTAS!

Após mais de 2 meses de incomunicabilidade, foram deportados para a bastilha de Angra os nossos queridos camaradas Sousa, Bento e Fogaça, os quais foram acompanhados de Seixo. Não contentes com as brutalidades praticadas sobre José de Sousa e Julio Fogaça, não contentes com a incomunicabilidade superior a 2 meses, os bandoleiros da Polícia, às ordens de Salazar, deportaram ilegalmente aqueles camaradas, para que, longe da nossa vigilância possam exercer maiores brutalidades e condenar os à sua vontade.

A agitação levada a efeito pelas organizações e pelos antifascistas de todo o país, já obsteu a que os criminosos da Rua da Leva da Morte, mau grado seu, não pudessem levar avante as ameaças, já tanto tempo formuladas. Mas, justamente porque não o puderam fazer à descarada, vão agora tentar fazê-lo longe e silenciosamente.

Se até aqui a nossa acção já não os seus exatos, agora, mais do que nunca impõe-se que a redobremos. Não podemos esquecer que se trata de quatro dos melhores antifascistas, quatro de entre os melhores dirigentes das massas laborais de Portugal.

Aos protestos que tem a enviar devem seguir-se acções de massas. Em todos os pontos onde nos

for possível dever o organizar comitês relâmpago, manifestações, e paralização do trabalho.

Só desta forma os nossos algozes abaixarão as patas ferres. Isto não significa que os protestos devam cessar. Pelo contrário. Mas em ligação com todos os protestos escritos, devem desenvolver a mais ou actividade para levar a efeito acções de massas.

A nossa acção deve determinar o imediato regresso à metrópole dos 4 camaradas. O que o «Estado Novo» acaba de fazer é uma ilegalidade, à sombra das suas próprias leis.

Nós estamos e de acordo com as leis fascistas mas sempre que da sua aplicação resulte qualquer benefício, por pequeno que seja, nós somos os primeiros a exigir o seu cumprimento.

Exijamos, portanto, o regresso de José de Sousa, Bento e Fogaça! Queremos um julgamento normal, assistido por nós e em que a defesa possa ser organizada à face das leis.

A deportação sem condenação é inadmissível!

Faga o recoller o punhal aguçado do «Estado Novo»!

Lutai sem descanso contra o terrorismo fascista!

Por uma ampla amnistia para todos os anti-fascistas presos!